

FRAGILIDADES DO ENSINO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: VIÉS DA CUSTOMIZAÇÃO

Amanda Diogo Matos¹

Marcelo Campelo Dantas²

Resumo: Com o atual cenário de degradação ambiental, se faz necessária uma Educação Ambiental (EA) preponderante, que auxilie no processo de transformação da sociedade, na sua maioria, alicerçada nos padrões de consumismo, distante dos preceitos de sustentabilidade. O presente artigo retrata a supervalorização que o ensino de EA tem posto na reciclagem com um sentido de customização, uma vez que a maior parte das atividades realizadas é voltada para este viés, limitando-se a produção de materiais reutilizáveis, principalmente os objetos de decoração, havendo poucas reflexões sobre a necessidade de mudança de comportamento, além da falta de enfoque sobre a política dos 5R's no cotidiano.

Palavras-chave: Ensino de EA; Reciclagem; Consumismo; Sustentabilidade.

¹ Universidade Estadual do Ceará. E-mail: amandadiogomatos@hotmail.com

² Universidade Estadual do Ceará. Biólogo/Assistente Classe - G. E-mail: campelodantas@hotmail.com. Revbea, São Paulo, V. 13, Nº 2: 170-185, 2018.

Introdução

Diante da degradação ambiental vivenciada nos últimos anos, a Educação Ambiental (EA) entrou no cenário curricular com a finalidade de melhorar na sociedade o exercício quanto ao cuidado e à preservação ao meio ambiente para, assim, permitir que as gerações vindouras usufruam desse bem que é findável (NARCIZO, 2009).

Devido à exaustiva extração dos recursos naturais realizada nos últimos anos, as riquezas ecológicas têm sido exauridas, sendo primordial a busca por alternativas que garantam a manutenção e a preservação do planeta, a fim de permitir a permanência das espécies (CIDIN; SILVA, 2004).

Educar indivíduos para que sejam ambientalmente conscientes antecede toda perspectiva socioeconômica, com o intuito de atingir o desejável. Uma das formas para alcançar a sustentabilidade é o contínuo investimento na EA dentro do espaço escolar, ambiente voltado para a socialização do conhecimento (BARROS, 2009).

Contudo, a maneira como a EA é empregada na maioria das escolas envolve somente atividades de natureza técnica, simplistas, tais como reposição de matas ciliares, coleta seletiva, reciclagem do lixo, entre outras. O aspecto histórico-espacial dessas alternativas não é trabalhado de forma contextualizada. Consequentemente, uma discussão com os alunos sobre suas causas não é promovida. Não que essas atividades sejam inúteis, mas geram poucas reflexões quando limitadas apenas à prática em si, não instigando os discentes à compreensão quanto aos desastres ambientais (BORTOLOZZI; PEREZ FILHO, 2000).

As mudanças inerentes à reeducação ambiental envolvem atitudes ligadas aos valores intrínsecos na comunidade e no sistema público. Deve-se haver uma junção entre o Estado, sociedade e rede privada (COSTA; TEODÓSIO, 2011). Essas transformações implicam na disposição das pessoas em atuarem como protagonistas, a fim de exercer práticas de vida, que vão além dos velhos padrões de sustentabilidade (LIMA, 2003).

Assim, o presente trabalho tem por objetivo discutir como a EA é ensinada, ressaltando a postura do docente diante dessa questão; enfocar que a reciclagem praticada com um viés de “customização” é pouco influente nas questões socioambientais; ressaltar a importância de uma EA crítica voltada para combater a postura consumista da sociedade contemporânea, alertando sobre os riscos que o consumismo compulsivo gera ao meio ambiente.

O ensino de Educação Ambiental é eficaz?

A questão ambiental ainda é um conhecimento em construção e precisa ser internalizado, fato que demanda esforço, a fim de fortalecer olhares focados no desenvolvimento, instigando mais reflexões sobre as relações indivíduos/natureza, ambiente/desenvolvimento. Nas suas diversas alternativas, a EA propicia um espaço para repensar e buscar novas práticas

sociais (JACOBI, 2004). Nessa perspectiva, sabe-se que ela é abrangente em conceitos e enfoques, e é rica em abordagens diferenciadas (LOUREIRO, 2004, p.48).

O processo de construção do conhecimento tendo por base a EA possibilita reflexões relevantes, proporcionando a cada sujeito a tomada de decisão, tornando-se responsável por elas e, ao mesmo tempo, refletindo sobre seus atos (BARROS, 2009). Todavia, o ensino de EA, quando limitado apenas ao destaque técnico e biológico, restringe o complexo enfoque ambiental e disfarça as divergências políticas por trás dessas questões, gerando uma percepção restrita e alienada por parte dos alunos (LIMA, 1999).

É notória uma expressiva conduta voltada para a perduração da visão antagônica entre o homem e a natureza. Isso fica claro principalmente quando se trabalha com coleta seletiva, cujo principal foco é a classificação do lixo e a reciclagem. No entanto, os sujeitos não se voltam para os problemas pertinentes a esses temas, como a geração do lixo, consumismo descontrolado, desperdício e os excessos. É como se a EA se restringisse apenas a mensagens cheias de ideologias (PEDROSA, 2008).

Educação ambiental na educação básica e no ensino superior

As escolas têm sido palco de uma EA pouco influente, pontual e doutrinária, pois não tem havido uma contribuição para o fortalecimento de uma prática educativa crítica, emancipatória e transformadora (MARTINS; FROTA, 2009). É necessária uma ampliação efetiva da temática, promovendo discussões em sala de aula sobre aspectos sociais, políticos e ideológicos, ultrapassando o enfoque reducionista (PELEGRINI; VLACH, 2011).

Os elementos teóricos e metodológicos utilizados pelo professor de Ciências são muito reduzidos e com poucos subsídios para promover uma melhor relação do homem com a natureza. A prática pedagógica em EA requer um conhecimento mais aprofundado do docente quanto à realidade local (OLIVEIRA; OBARA; RODRIGUES, 2007).

O professor tem como missão repassar os assuntos concernentes ao meio ambiente e à ecologia de maneira mais significativa para seus alunos, transferindo esse conhecimento de forma mais próxima da realidade deles (ALENCASTRO; SOUSA-LIMA, 2014).

Para Bezerra e Gonçalves (2007), a interpelação conceitual de meio ambiente e EA deve ser transmitida além das dimensões ecológicas, de forma contextualizada e com destaque para os aspectos sócio-econômicos-culturais. É fundamental a participação dos professores em cursos e oficinas a fim de ampliarem sua percepção quanto aos temas em questão.

Outro fator limitante das práticas de EA é o isolamento do currículo escolar, em que os saberes advindos da escola juntamente com outros são esquecidos. Muitos docentes possuem uma consciência voltada para as

Revbea, São Paulo, V. 13, Nº 2: 170-185, 2018.

questões ambientais, porém, encontram-se imersos em uma realidade nada favorável, estando vinculados a uma atmosfera escolar pouco produtiva, o que os impede de articularem atividades diferenciadas do tradicional. Assim, permanecem reproduzindo o mesmo padrão de trabalhos aplicados ao longo dos anos (MARTINS; FROTA, 2009).

Para isso, a abordagem curricular sobre a questão ambiental tem de mostrar que os valores sociais a respeito do meio ambiente estão em desacordo com a sustentabilidade do planeta, cuja identificação destes propicia um melhor entendimento sobre o comportamento humano no meio. Todavia, existem fatores que se restringem às abordagens curriculares, como o modelo econômico vigente e a própria visão fragmentada de ciência, dificultando, assim, o trabalho pedagógico rumo à sustentabilidade (GOLÇALVES; CARLETTO, 2010).

As instituições de ensino precisam rever suas práticas pedagógicas com o intuito de deixar de lado os conteúdos com pouca significação e empregar abordagens mais úteis ao aluno no espaço em que convive para, assim, intervir positivamente na sua comunidade. É importante repensar as táticas metodológicas, limitadas quase exclusivamente às aulas verbais, mas, atrelado a isso, sejam empregados métodos fidedignos capazes de assessorar a formação de cidadãos hábeis para reconstruírem conhecimentos e usá-los para uma melhor qualidade de vida (BORGUES; LIMA, 2007).

De acordo com Bezerra e Feliciano (2008), para que a EA seja efetivamente reconhecida como merece, é imprescindível a constante renovação do professor, nas suas perspectivas, quanto à importância da interdisciplinaridade nas diversas áreas do conhecimento. Também é importante avaliar a sua percepção, a sua postura e o seu exercício pedagógico em sala de aula, uma vez que ele é um potente agente multiplicador de conhecimento e consegue alcançar um vasto público-alvo, tanto em sala de aula como na comunidade (OLIVEIRA; OBARA; RODRIGUES, 2007).

As políticas públicas podem ser também ferramentas influentes para consolidar uma EA no Brasil que seja apta a munir as ações locais com as estratégias regionais e nacionais, sempre conectada aos planos de transformação social às políticas de Educação (LOUREIRO, 2004).

Anualmente, o Brasil recebe, de grande parte dos cursos de licenciatura, profissionais da educação que saem das universidades despreparados para atenderem às demandas sociais, no que diz respeito à formação mais inclusiva, menos desigual, ativa e democrática. Essa problemática se enquadra na falta de formação continuada e na habilitação dos docentes para trabalharem com a EA (ALMEIDA, 2013).

Tanto as universidades do Brasil como do mundo, na sua maioria, não estão envolvidas com gestão ambiental. O que se percebe são apenas práticas isoladas. Essa condição evidencia a necessidade de adaptação por parte das IES (Instituições de Ensino Superior) em se adequarem a uma postura

ambiental, voltada tanto ao ensino como às práticas (TAUCHEN; BRANDLI, 2006).

Algumas IES – no mesmo estilo, aliás, de muitas empresas e governos – iniciam sua abordagem aos temas ambientais através de ações dispersas ou mera declaração de intenções. Na verdade, tais “tentativas” são um engano, tanto para a instituição e seus decisores, como para seus alunos e a comunidade, como ainda para os seus parceiros sociais (MARCOMIN; SILVA, 2009, p.114).

Nota-se a pouca fundamentação teórica da parte do docente adquirida na sua trajetória universitária. Assim, muitas vezes, não conseguem promover os valores ambientais para seus alunos, ficando limitados apenas aos conceitos simplistas de natureza. É necessária, na formação continuada do professor, a integração do ensino e da pesquisa com o intuito de capacitá-los para o campo de atuação, a sala de aula (OLIVEIRA; OBARA; RODRIGUES, 2007).

É imprescindível um aprofundamento em programas ou projetos de EA no ensino superior, uma vez que o enfoque ambiental na graduação deve melhorar a formação do discente, tanto para sua vida profissional, quanto cidadã, o que pode beneficiar a preservação do meio ambiente, à medida que exercita seus conhecimentos em função de uma vida melhor (MALAFAIA, *et al.*, 2011).

Em muitas situações o professor transmite apenas os conceitos já existentes nos materiais didáticos de Ciências, submetendo-se meramente à memorização das temáticas ambientais (OLIVEIRA, OBARA, RODRIGUES, 2007). A realidade atual carece de intervenções de EA que não se vinculam apenas ao repasse de conhecimento acerca da natureza, mas sim aquelas que podem ampliar a cidadania e, por conseguinte, a verdadeira concepção de meio ambiente (SLONSKI, 2011).

A EA no Ensino Superior não pode se restringir apenas aos muros da universidade, compondo um espaço apenas de professores e pesquisadores, porquanto caminha em conjunto com a sua gestão e sociedade. Desse modo, faz-se essencial a conscientização em assumir seu papel no contexto socioambiental (MARCOMIN; SILVA, 2009).

Consumismo vs. Educação Ambiental

A globalização provocou uma revolução em todos os âmbitos da sociedade moderna, e como resultado, confeccionou uma série de disparidades sociais. A degradação ambiental evidencia que o homem está buscando caminhos distantes para modificar a sua realidade. Mesmo diante de uma crise socioeconômica, a crise ambiental é a principal causa a ser reparada pela humanidade (FLORES; ARAÚJO; TYBUSH, 2013).

Revbea, São Paulo, V. 13, Nº 2: 170-185, 2018.

Para isso, as discussões sobre os problemas ambientais precisam tomar rumos mais amplos que restritos somente à reciclagem de resíduos ou à economia de recursos. Uma das alternativas para o combate ao consumismo exacerbado, decorrente do capitalismo, envolve mudanças de atitudes e valores intrínsecos nas pessoas, de forma a gerar um consumo sustentável (COSTA; TEODÓSIO, 2011).

Segundo Gomes (2006), deve-se aderir a um novo modelo econômico que vislumbre, em primeiro plano, o melhor uso dos recursos naturais, pois, o atual parâmetro de desenvolvimento visa exclusivamente o crescimento econômico em detrimento do meio ambiente. Nesse sentido, a EA precisa promover uma educação para o consumo consciente, a fim de criar uma geração ciente de seus hábitos e decisões.

Contudo, já é perceptivo o aumento das discussões internacionais acerca da necessidade de idealizar novos modelos de consumo. Essas mobilizações possuem um significado especial e incorporam valores sustentáveis em toda a sociedade, voltando-se para as relações econômicas, sociais e políticas (COSTA; TEODÓSIO, 2011).

Essas discussões precisam adentrar também o espaço escolar. É necessário focar na juventude, instigá-los a serem protagonistas ambientais, fazê-los idealizadores, movidos pelo interesse de buscar estratégias para o melhor uso dos recursos naturais na realidade que os cercam. É importante aproximar das pessoas essas questões. Claro que grande parte das mudanças inerentes ao desequilíbrio ambiental precisa ocorrer ao nível de estatal, nos grandes centros econômicos, em países ditos de primeiro mundo. No entanto, à medida que a sociedade se torna mais responsável pelo meio ambiente, mais participantes se engajam nessa luta.

As ações para se alcançar o consumo sustentável devem ser promovidas no nível micro e macro, ou seja, desde o lar ou local de trabalho ou estudo até as empresas e instâncias públicas, nacionais e internacionais. Os bens e serviços disponíveis no mercado devem se tornar mais limpos e eficientes, mas o padrão de consumo deve ser monitorado e controlado constantemente, para evitar um aquecimento do consumo, mesmo que de bens ecologicamente adequados (FURRIELA, 2001, p. 6).

De fato, a linha de pensamento a qual deve ser seguida é impreterivelmente a diminuição do consumo, mesmo que seja dos produtos ditos ecologicamente corretos. Sem essa visão, a sociedade vai continuar com seu padrão de consumo, não levando em consideração o exagero, pelo fato de os bens comprados estarem dentro do padrão designado pelas empresas.

Para alcançar uma sociedade sustentável, é necessário o despertar de uma nova cultura. Para isso, há uma forte ferramenta transformadora, a

Revbea, São Paulo, V. 13, Nº 2: 170-185, 2018.

educação, apta a ampliar a visão da comunidade na busca de novas escolhas, fundamentadas com senso crítico (MONTEIRO *et al.*, 2012).

Entretanto, a abordagem ambiental ainda é implantada nos ensinamentos fundamental e médio de forma muito limitada, sem muita aproximação do campo das ciências naturais com as ciências sociais. Evita-se relacionar a problemática ambiental com assuntos, também tidos como difíceis, como a política (PELEGRINE; VLACH, 2011).

Faz-se necessária a ruptura de uma EA baseada apenas nos discursos teóricos, pouco influentes e que não têm proporcionado a formação de uma sociedade zelosa, preocupada com o bem estar ambiental, que busca entender o seu papel dentro dessa luta pela sustentabilidade no mundo. Para isso, é imprescindível a ampliação dessa mentalidade com foco na importante participação individual de cada um.

Compulsão consumista

O capitalismo gerou nas pessoas uma insatisfação, compulsão, desejo desenfreado por lucro, criação de novas necessidades, constituindo, assim, uma geração extremamente consumista. O indivíduo é impulsionado a consumir bens que perdem o valor rápido, desde que saem das fábricas. O consumismo é um problema cultural, pautado no constante descontentamento da sociedade em não se satisfazer com o que tem, mas, querer comprar para obter satisfação pessoal (MONTEIRO *et al.*, 2012).

A sociedade contemporânea possui uma postura alienada quanto ao meio ambiente pelo fato de estar inserida num contexto capitalista, que aliado à visão fragmentada e unidimensional com relação à exploração e ao uso dos recursos naturais, origina valores distorcidos e egoístas sobre a natureza (MENEGUZZO; CHAICOUSKI; MENEGUZZO, 2009).

Nota-se que os valores existentes na hora da compra envolvem apenas o interesse pessoal, a exultação em atingir o melhor preço, a qualidade e o *status*. Os impactos causados pela escolha pessoal não são analisados, justamente, porque não são percebidas em curto prazo. Desse modo, não entram no processo de decisão de compra (BECK; PEREIRA, 2012).

Consumidores formam atitudes e definem seus comportamentos baseados em estímulos diversos, indo desde o processamento diligente de atributos disponibilizados via comunicação de marketing até respostas emocionais de difícil acesso para pesquisadores (PEREIRA; AYROSA, 2004, p. 9).

A mídia é um dos fatores comprometedores das alternativas empregadas pela EA, que afeta o estabelecimento de uma cultura sustentável e alavanca o consumismo desordenado. É detentora de um grande poder de

Revbea, São Paulo, V. 13, Nº 2: 170-185, 2018.

persuasão sobre seus telespectadores. Neste processo, ela é corresponsável pelo estabelecimento e divulgação de um modelo socioeconômico, fundamentado em valores de degradação ambiental (RAMOS; RAMALHO, 2002).

Falava-se, antes, de autonomia da produção, para significar que uma empresa, ao assegurar uma produção, buscava também manipular a opinião pela via da publicidade. Nesse caso, o fato gerador do consumo seria a produção. Mas, atualmente, as empresas hegemônicas produzem o consumidor antes mesmo de produzir os produtos (SANTOS, 2000, p. 24).

Conforme Balogh e Lopes (2012), o mercado capitalista tem as crianças como consumidoras ativas. Eles moldam as propagandas com a finalidade de chamarem a atenção do público infantil e, em consequência, os pais. Antes dos produtos serem comercializados, são expostos com intensidade pela mídia televisiva, sites, entre outros, para atrair seus compradores, e assim, lançá-los no mercado. Esse exemplo é evidente não só para o público infantil, mas para toda a sociedade. Percebe-se a profunda relação existente entre o mercado capitalista e a mídia, sendo esta um instrumento perspicaz de persuasão.

Embora o consumidor brasileiro manifeste se importar com as questões ambientais, não é possível afirmar que seja classificado como um consumidor verde, que pondera cautelosamente os produtos que compra, preocupando-se com o impacto provocado por estes (PEREIRA; AYROSA, 2004).

De fato, é indispensável ocorrerem mudanças comportamentais voltadas ao excesso de consumo, porquanto, acarretam sérios desastres ecológicos e problemas sociais. Nesse sentido, deve-se diminuir ou parar o modo de consumo vigente para promover a sustentabilidade, mas de forma coletiva, para que muitos não se prejudiquem diante das ações dos que não se preparam a ajudar (GOMES, 2006).

Reciclar ou customizar?

A reciclagem configura-se como uma importante estratégia a ser integrada aos produtos, tendo em vista a constante preocupação dos países com relação à degradação ambiental. Com a diminuição dos recursos naturais, ela é observada como uma alternativa econômica, além de proporcionar inclusão social e renda para um bom número de pessoas (LIMA; ROMEIRO FILHO, 2003).

A implantação do Plano Nacional de Resíduos Sólidos – PNRS estabelece uma nova visão, conhecimentos e atitudes diferenciadas para a sociedade. O principal intuito é chegar às soluções práticas que adaptem os objetivos de desenvolvimento socioeconômico com a preservação do meio

Revbea, São Paulo, V. 13, Nº 2: 170-185, 2018.

ambiente. Para isso, é fundamental a democratização das informações de forma que mobilizem o interesse, o envolvimento e o apoio dos mais diversos âmbitos sociais. Nesse viés, a EA entra no cenário social como uma intermediadora (BRASIL, 2011).

Marcon *et al.*, (2014) consideram que o PNRS representa um importante avanço, incitando reflexões na sociedade contemporânea, que enxerga a reciclagem como a principal solução para o combate ao desperdício, não levando em consideração a Pedagogia dos 5R's, que traz a redução e a reutilização dos bens de consumo em primeiro plano.

É difícil pensar em uma mudança socioambiental enquanto as pessoas possuem uma visão tão distorcida sobre o que é a reciclagem de fato e o seu papel dentro do contexto ambiental. O que mais se percebe nas práticas cotidianas, concernentes ao meio ambiente, é uma supervalorização das diversas esferas sociais em transformar objetos como garrafas PET, pneus, tampas, entre outros, em materiais de decoração ou com outra finalidade, e afirmar estarem reciclando tais produtos. Nota-se que há um equívoco nessa visão, visto que tais atividades são técnicas com caráter de customização, no entanto, são taxadas como reciclagem, sendo, na maioria das vezes, empregadas dentro do ensino da EA.

É notório que a reciclagem praticada com um viés de customização tem um peso pouco relevante diante da larga escala de degradação ambiental vivenciada atualmente. De fato, o erro é colocá-la na frente das soluções, como via de escape, tendo em vista que o fato de modificar um bem de consumo não influenciará o seu descarte mais na frente. É o exemplo do banquinho feito com garrafa PET, onde há um considerável gasto financeiro para produzi-lo. Sua utilidade se resume a um curto espaço de tempo e depois é descartado.

A verdadeira reciclagem diz respeito ao restabelecimento de um objeto consumido para sua condição inicial, e não para uma forma diferenciada, ou com outra finalidade, sendo refeito por indústrias especializadas. Os principais recursos reciclados atualmente são o vidro, o plástico, o papel e o metal. É nessa tendência que a proposta dos 5R's preconiza as esferas nacionais e globais reciclando produtos consumidos com o intuito de diminuir a retirada de novos recursos naturais.

A crítica em questão diz respeito ao enaltecimento das práticas voltadas para o viés de customização, em vez da propagação da diminuição do índice de consumo. No modelo atual de desenvolvimento, o que prevalece é o poder de compra, de aquisição de objetos, muitas vezes atrelado ao desperdício. Quanto mais se consome, mais é necessária matéria-prima extraída da natureza, mais é gerado lixo, além da alienação produzida nas pessoas, em geral. De fato, não há uma percepção clara sobre o risco que o consumismo gera em toda a civilização.

Essa mentalidade está inserida em muitos contextos, principalmente na esfera escolar. Há pouca compreensão, tanto por parte do docente como do aluno sobre a real forma de colaborar para a preservação do meio em que

Revbea, São Paulo, V. 13, Nº 2: 170-185, 2018.

estão inseridos. Não desmerecendo os atos realizados em favor da natureza, no entanto faltam discussões mais profundas voltadas para o consumo desenfreado que ocorre cada vez mais em toda escala mundial.

Uma grande problemática está em relacionar as temáticas de EA somente à natureza em si, com uma visão romântica, atrelada apenas à preservação das plantas e dos animais, de forma isolada da esfera social. O homem é parte integrante do meio ambiente e precisa se colocar como um protagonista. Os atos relacionados ao seu cotidiano influenciam e repercutem em todo o planeta.

Lutar para a instauração de uma sociedade sustentável vai de frente não somente às mudanças de comportamento, mas de pensamentos, ideologias e culturas. Com o passar do tempo, a humanidade tem se tornado mais dependente dos bens de consumo, ou melhor, do ato em si de consumir. Isso porque tal atitude gera contentamento nas pessoas, criando um desejo descomedido pela posse de objetos dispensáveis, em muitos casos.

Porém, a realidade em questão não tem sido vista como um problema, pelo contrário, recebe incentivo de quase todos os âmbitos dentro do sistema capitalista. Por mais que os governos tentem implantar ações voltadas para o melhor uso dos recursos naturais, é imprescindível a valorização da política dos 5R's em todo o cenário social. Reduzir, reutilizar e por fim reciclar os bens de consumo é a melhor alternativa para tentar perdurar os recursos naturais para as gerações futuras. Nas figuras 1, 2, 3 e 4 vemos exemplos de reciclagem com viés de customização:



Figura 1: Banquinho produzido com garrafa PET. **Fonte:** Site Artesanato Total³.

³ Figura 1: Disponível em: <<http://www.artesanatototal.com/como-fazer-puff-de-garrafa-pet/>>. Acesso: 11 ago. 2016.



Figura 2: Objetos de decoração feitos com garrafa PET. **Fonte:** Site Artesanato e Reciclagem⁴.



Figura 3: Artesanatos com garrafa PET. **Fonte:** Cria Design Blog⁵.

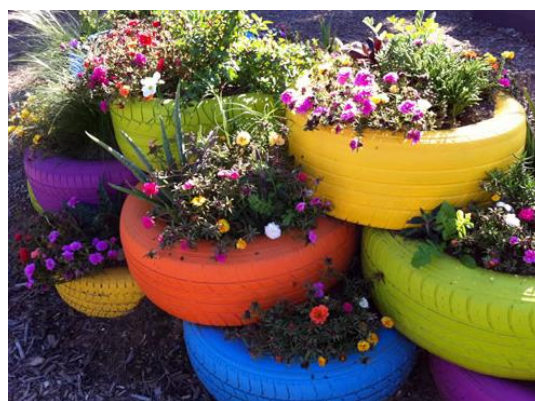


Figura 4: Artesanatos com pneus. **Fonte:** Pensamento Verde⁶.

⁴ Figura 2: Disponível em: <<http://www.artesanatoereciclagem.com.br/361-vaso-feito-com-garrafa-pet.htm>>. Acesso: 11 ago. 2016.

⁵ Figura 3: Disponível em: <<http://www.criadesignblog.com/post/26561/diy-decoracao-como-fazer-um-vaso-anti-dengue-com-garrafa-pet>>. Acesso: 11 ago. 2016.

⁶ Figura 4: Disponível em: <<http://www.pensamentoverde.com.br/reciclagem/dicas-de-reciclagem-de-pneus-usados/>>. Acesso: 11 ago. 2016.

Revbea, São Paulo, V. 13, Nº 2: 170-185, 2018.

Nas Figuras 5 e 5 temos a verdadeira customização:



Figura 5: Customização com camiseta feminina. **Fonte:** Customização e Cia⁷.



Figura 6: Outros exemplos de customização. **Fonte:** Blog Artesanato e reciclagem⁸.

Considerações finais

Sabe-se que o ensino de Educação Ambiental é essencial para alcançarmos uma sociedade fundamentada nos princípios ambientais, mas, para que isso aconteça, dentre muitas modificações, precisa-se de uma ruptura nos padrões de ensino vigente, voltados quase que exclusivamente para discursos pontuais, sem muita ligação com as reais causas dos problemas ambientais.

⁷ Figura 5: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8gF7AeuzBZ4>>. Acesso: 11 ago. 2016.

⁸ Figura 6: Disponível em: <<http://www.artesanatoereciclagem.com.br/8991-diy-como-customizar-tenis-facilmente.html>>. Acesso: 11 ago. 2016

O fator preponderante para que práticas equivocadas aconteçam está ligado ao ensino de uma Educação Ambiental totalmente falho, principalmente voltado quase que exclusivamente ao tema da reciclagem. Esse, na sua grande maioria, vem com o viés de customização, em que se empregam outros materiais, atrelados a custos, que logo acabam sendo descartados. É estabelecido, na verdadeira reciclagem, que os objetos utilizados voltem a ter as mesmas funções de origem.

Buscar soluções para a crise do meio ambiente por meio desse tipo de reciclagem é ilusão. Os recursos naturais estão se esgotando e a humanidade precisa entender que ficar se limitando apenas ao ato de customizar faz persistir a mentalidade de consumir demasiadamente e depois modificar o que não serve mais. É desse modo que acaba perdurando o preocupante ciclo de extrair, produzir, consumir e jogar fora ou “reciclar”. É preciso enxergar as limitantes que regem o modo de vida contemporâneo. Sem esse esclarecimento, os velhos padrões continuarão se sobressaindo do verdadeiro sentido para que a reciclagem se propõe.

É preciso também uma valorização de políticas voltadas para o esclarecimento quanto ao consumo descontrolado, incitando aos indivíduos para uma decisão mais consciente na hora da compra. Necessita-se realizar uma maior propagação a respeito da pedagogia dos 5R's: recusar, repensar, reduzir, reutilizar e reciclar, não só nos âmbitos de ensino, mas na comunidade de maneira geral.

Referências

ALENCASTRO, M.S.C.; SOUZA-LIMA, J.E. de. Educação ambiental: breves considerações epistemológicas. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, Ed. Especial, v. 7, n. 3, p. 601-629, jul./ dez. 2014.

ALMEIDA, J.P. Formação docente para a promoção da educação ambiental: o caso de uma escola estadual em Maceió (AL). **Revbea**, Rio Grande, v. 8, n. 1, p. 114-129, 2013.

BALOGH, I.R.S.; LOPES, L.N. Consumo infantil expresso no material escolar veiculado pela mídia: campanha volta às aulas. **Revista do NUPE – Núcleo de Pesquisa e Extensão do DEDC I / UNEB**, p.142-155, Salvador, 2012.

BARROS, J.D.S.; SILVA, M.F.P. Educação para a sustentabilidade ambiental e social em Cachoeira do Índios – PB. **REBAGA**, v.3, n.1, p.38-44, 2009.

BECK, C.G.; PEREIRA, R.C.F. Preocupação ambiental e consumo consciente: os meus, os seus e os nossos interesses. **GeAS – Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, E-ISSN: 2316-9834; São Paulo, v. 1 n. 2, p. 51-78, jul./dez. 2012.

BEZERRA, T.M.O.; FELICIANO, A.L.P. Percepção ambiental de alunos e professores do entorno da Estação Ecológica de Caetés – Região Metropolitana do Recife – PE. **Revista Biotemas**, 21 (1), p. 147-160, mar. 2008.

Revbea, São Paulo, V. 13, Nº 2: 170-185, 2018.

BEZERRA, T.M.O.; GONÇALVES, A.A.C. Concepções de meio ambiente e educação ambiental por professores da Escola Agrotécnica Federal de Vitória de Santo Antão – PE. **Revista Biotemas**, 20 (3), p. 115-125, set. 2007.

BORGUES, R.M.R.; LIMA, V.M.R. Tendências contemporâneas do ensino de Biologia no Brasil. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 6, n. 1, 2007.

BORTOLOZZI, A.; PEREZ FILHO, A. Diagnóstico da educação ambiental no ensino de geografia. **Cadernos de Pesquisa**, n. 109, p. 145-171, mar. 2000.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Plano Nacional de Resíduos Sólidos**. Versão preliminar para consulta pública. Brasília, DF, 01 set. 2011. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/253/publicacao/253_publicacao0202201204175.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2016.

CIDIN, R.C.P.J.; SILVA, R.S. Pegada Ecológica: Instrumento de avaliação dos impactos antrópicos no meio rural. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**. Ed. Especial, v. 7, n. 3, p. 601-629, jul/ dez. 2014.

COSTA, D.V.; TEODÓSIO, A.S.S. Desenvolvimento sustentável, consumo e cidadania: um estudo sobre a (des)articulação da comunicação de organizações da sociedade civil, do estado e das empresas. **RAM, REV. ADM. MACKENZIE**, v. 12, n. 3, Edição Especial, São Paulo, SP, p. 114-145, maio/jun. 2011.

FLORES, M.P.; ARAÚJO, L.E.B.; TYBUSH, J.S. Sustentabilidade, globalização econômica e a ascensão do capitalismo verde. *In*: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO AMBIENTAL E ECOLOGIA POLÍTICA – UFSM, III SEMINÁRIO DE ECOLOGIA POLÍTICA E DIREITO NA AMÉRICA LATINA. **Revista Eletrônica do Curso de Direito – UFSM**, v. 8, p. 786-798, 2013.

FREIRE, A.M. Educação para a Sustentabilidade: Implicações para o Currículo Escolar e para a Formação de Professores. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 2, n. 1 p. 141-154, 2007.

FURRIELA, R.B. **Educação para o consumo sustentável**. Ciclo de Palestras sobre Meio Ambiente - Programa Conheça a Educação do Cíber/Inep-MEC/SEF/COEA, p. 47-55, Brasília, 2001.

GOMES, D.V. Educação para o consumo ético e sustentável. **Revista do Mestrado em Educação Ambiental**, v.16, jan./jun. 2006.

GONÇALVES, C.A.; CARLETO, M.R. Possibilidades curriculares para o desenvolvimento dos valores da sustentabilidade. **R. B. E. C. T.**, v. 3, n. 3, p. 75-88, set./dez. 2010.

JACOBI, P. Educação e meio ambiente – transformando as práticas. **Revista brasileira de educação ambiental**, Brasília, n. 0, p. 28-35, nov. 2004.

LIMA, G.C. O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação. **Ambiente & Sociedade**, v. 6, n. 2, p. 99-119, jul./dez. 2003.

Revbea, São Paulo, V. 13, Nº 2: 170-185, 2018.

LIMA, G.F.C. Questão ambiental e educação: contribuições para debate. **Ambiente & Sociedade**, NEPAM/UNICAMP, Campinas, n. 5, p. 135-153, 1999.

LIMA, R.M.R.; ROMEIRO FILHO, E. A contribuição da análise ergonômica ao projeto do produto voltado para a reciclagem. **Revista Produção**, v. 13, n. 2, mar./ago. 2003.

LOPES, G.K.; CASAGRANDE JÚNIOR, E.F.; SILVA, M.C. Educação interdisciplinar para a formação de uma mentalidade sustentável. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, v. 5, n. 3, jan./jun. 2014.

LOUREIRO, C.F.B. Educação ambiental e gestão participativa na explicitação e resolução de conflitos. **Gestão em Ação**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 37-50, jan./abr. 2004a.

MALAFAIA, G.; SANTOS, M.R.; FUJACO, M.A.G.; CASTRO, A.L.S.; RODRIGUES, A.S.L. Percepção de discentes do ensino superior do Instituto Federal Goiano – *Campus* Urutaí sobre os principais problemas ambientais da atualidade. **REA – Revista de estudos ambientais**, v. 13, n. 1, p. 62-76, jan./jun. 2011.

MARCON, G.T.G.; ANDRADE, M.C.K.; VENERAL, D.C. Os desafios da educação ambiental frente à Política Nacional de Resíduos Sólidos. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, v. 5, n. 3, jan./jun. 2014.

MARCOMIN, F.E.; SILVA, A.D.V. A sustentabilidade no ensino superior brasileiro: alguns elementos a partir da prática de educação ambiental na Universidade. **CONTRAPONTOS**, v. 9, n. 2, p. 104-117, Itajaí, maio/ago. 2009.

MARTINS, M.C.; FROTA, P.R.O. Tendências de educação ambiental entre professores da escola municipal Jorge Bif – Siderópolis/SC. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Florianópolis, 8 nov. 2009.

MENEGUZZO, I.S.; CHAICOUSKI, A.; MENEGUZZO, P.M. Desenvolvimento sustentável: desafios à sua implantação e a possibilidade de minimização dos problemas socioambientais. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 22, jan./jul. 2009.

MONTEIRO, D.E.; ANEAS, C.S.C.; MELO, E.P.; VALDUGA, A.T. Produção, consumo e descarte: reflexão histórica e suas implicações futuras. *Vivências*: **Revista Eletrônica de Extensão da URI**, v. 8, n. 4, p.192-199, maio, 2012.

NARCIZO, K.R.S. Uma análise sobre a importância de trabalhar educação ambiental nas escolas. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 22, jan./jul. 2009.

OLIVEIRA, A.L.; OBARA, A.T.; RODRIGUES, M.A. Educação ambiental: concepções e práticas de professores de ciências do ensino fundamental. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 6, n. 3, p. 471-495, 2007.

Revbea, São Paulo, V. 13, Nº 2: 170-185, 2018.

PEDROSA, J.G. A Natureza, o Capital e o Trabalho: Educação Ambiental e crítica social. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 3, n. 2, p. 25-48, 2008.

PELEGRIN, D.F.; VLACH, V.R.F. As múltiplas dimensões da educação ambiental: por uma ampliação da abordagem. **Soc. & Nat.**, Uberlândia, ano 23 n. 2, p. 187-196, maio/ago. 2011.

PEREIRA, S.J.N.; AYROSA, E.A.T. Atitudes relativas a marcas e argumentos ecológicos: um estudo experimental. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 2, n. 2, maio/ago. 2004.

RAMOS, P.R.; RAMALHO, D.S. O ambientalismo na mídia: da sustentabilidade pontual ao consumismo geral. **Revista da FAEEBA**, Salvador, v. 11, n. 18 jul./dez. 2002.

SANTOS, M. **Por uma globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.

SLONSKI, G.T. Percepção Ambiental dos professores dos cursos técnicos do IF-SC Campus Florianópolis – Continente. **AMBIENTE & EDUCAÇÃO**, v. 16(1), 2011.

SOUSA, I.B.B. Práticas de sustentabilidade: um convite à reflexão, conscientização e prevenção ambiental. **Meio Ambiente e Sociedade**, v. 2, n. 2, jan./jun. 2013.

TAUCHEN, J.; BRANDLI, L.L. A gestão ambiental em instituições de ensino superior: modelo para implantação de campus universitário. **GESTÃO & PRODUÇÃO**, v. 13, n. 3, p. 503-515, set./dez. 2006.